

Eleições em sua reta final – NADA ESTÁ DITO, A MUDANÇA É POSSÍVEL

Estamos no último trecho de uma luta eleitoral muito dura, em meio a uma crise abrangente do modelo econômico e do regime político em vigor no país. 18 candidatos disputam a eleição presidencial, a maioria dos quais procura preservar o sistema atual, com suas enormes exclusões e desigualdades. Eles representam vários setores do poder de direita e econômico que têm governado nosso país nos últimos 30 anos. Suas decisões em favor do investimento estrangeiro, o mercado livre, as privatizações, a flexibilidade da mão-de-obra, levaram ao desastre atual. Hoje, além de suas diferenças, eles se unem para implantar uma guerra suja contra a única opção de esquerda que pode ameaçar seus interesses: a opção representada por Juntos Por el Peru com a candidatura de nosso camarada Verónica Mendoza à frente. Hoje, mais do que nunca, exigimos a mais ampla unidade do campo popular e progressista para fechar o caminho para a direita em suas versões de diversidade.

O fracasso do governo de Sagasti mostra claramente que não há espaço para saídas “centristas”. A ineficiência diante da crise sanitária é o resultado de sua recusa em centralizar todos os recursos de saúde públicos e privados, apelando ao Artigo 82 da Lei Geral de Saúde; a precariedade das populações desempregadas nas ruas tem a ver com a insistência no esquema ineficiente de bonificações direcionadas, que também nunca chegam a seus supostos beneficiários; o culto ao equilíbrio fiscal e a austeridade levou a não implementar medidas para melhorar a infra-estrutura escolar e a conectividade, que iniciou um ano letivo em condições extremamente precárias; não tocar os monopólios privados que controlam as vias de comunicação (pedágios) e venda de combustíveis não atende às

justas demandas dos transportadores, aos quais estendemos nossa solidariedade. E o que é mais grave, em responsabilidade compartilhada com o governo corrupto da Vizcarra: as vacinas chegam em gotejamentos e sem qualquer certeza de um cronograma que garanta a imunização nem mesmo do pessoal da linha de frente e dos mais vulneráveis. Não é coincidência que a mais corrupta, aproveitando os erros do governo Vizcarra, continue conspirando após a queda do Merino para aumentar suas cotas de poder e, se possível

Em 11 de abril não teremos apenas mais uma eleição, o destino histórico do país por várias décadas está em jogo. As decisões não devem ser tomadas com base em promessas sem ligação, e muito menos com base em preconceitos, medos e mentiras. Somente a coerência e solidez das propostas, a consistência das forças políticas e a qualidade moral dos líderes devem ser os critérios para a decisão no momento de votar. Em resumo, ou as coisas continuam como estão ou vamos a uma mudança histórica. Yonhy Lescano, que reconheceu explicitamente que não tem um programa completo para o governo, tem um lugar preeminente entre os que competem pelo segundo turno. O mais grave, entretanto, é que ele é o candidato de um partido que já governou o país quatro vezes, terminando desastrosamente com três dessas administrações. Nas últimas décadas, ele coexistiu sem problemas com a constituição Fujimori, demonstrando total obsequiosidade aos interesses dos grandes empresários. E em novembro do ano passado, ele liderou uma coalizão de bancos mafiosos que encenou um golpe de Estado para proclamar seu correligionário Merino como presidente por apenas alguns dias. Por sua vez, George Forsyth está tentando se apresentar como o porta-estandarte da renovação, com um discurso cuja falta de definição nada mais é do que o anúncio de um governo que rapidamente fará um pacto com os proprietários do país. Para garantir esta relação, ele é acompanhado por pessoas que passaram por sucessivos governos neoliberais, de Fujimori a PPK.

Na extrema direita do espectro político, três variantes do mesmo modelo autoritário, conservador e ultra-privatizante estão em disputa: Keiko Fujimori, Rafael López Aliaga e Hernando de Soto. Cada um faz sua própria mistura das pedras angulares do modelo implementado no país com a Constituição de 1993, todos concordam em anunciar uma “radicalização” do mesmo: um punho de ferro, exclusão e violência contra as mulheres e grupos vulneráveis, mais privatizações, etc. O triunfo de Verónica Mendoza seria o prelúdio para uma maior polarização na política e na sociedade, com o aumento das tendências fascistas na ultra-direita. Na face de todos eles, Verónica Mendoza é a única opção viável de esquerda, popular e democrática.

É a única candidatura que assinou o compromisso de convocar um referendo para uma nova constituição e uma Assembleia Constituinte; é a única que eleva a nacionalização do gás e a recuperação de nossos recursos como eixo de um novo modelo econômico; é o único que propõe centralizar todos os recursos disponíveis no campo da saúde para evitar que os peruanos continuem a morrer dia após dia; é o único que tem propostas concretas para o ano escolar que começou a ser diferente do desastre que significou o ano 2000.

Sem dúvida, a crise política profunda e prolongada que o país está passando afetou a credibilidade e a confiança dos cidadãos nos líderes e movimentos políticos. Mas também é verdade que ela tem estendido uma vontade de resistência e de mudança, como expresso nas massivas mobilizações de novembro do ano passado. Apesar da pressão das urgências, a maioria da população continua a apoiar a necessidade de uma mudança, total ou parcial, da Constituição. A proposta de Verónica Mendoza e Juntos pelo Peru visa colocar nas mãos do povo, através de um referendo, a decisão sobre o tipo de mudança que ele deseja e a forma de alcançá-la. Para nós, trata-se de convocar uma Assembleia Constituinte que garanta o gesto libertário e a representação plural de toda a sociedade

peruana.

Apelamos ao povo peruano a aderir a este gesto libertário para nossa segunda independência, Pelamos o povo peruano a aderir a este gesto libertário para nossa segunda independência para acabar com a dependência dos grandes centros do poder internacional. De agora em diante, seremos proprietários de nosso destino e não aceitaremos ser mais um peão da geopolítica daqueles que acreditam em si mesmos. Chamamos em particular os jovens que saíram para enfrentar o golpe autoritário e reacionário que tirou a vida de Inti e Bryan para honrar sua memória, continuando a luta por um novo governo e uma nova Constituição. Há luz ao final do túnel, nada está perdido, JUNTAS E JUNTOS podemos acabar com este ciclo de corrupção e rendição. E JUNTAS E JUNTOS, podemos ter saúde de qualidade, universal e gratuita, educação pública de qualidade, pleno emprego e um desenvolvimento diversificado e sustentável.

Cabe-nos, nestas últimas semanas, não apenas comprometer-nos mais, mas, sobretudo, SOMAR mais vontades. Valorizamos muito o apoio público que recebemos, fazemos um apelo para nos unirmos contra o adversário comum, para derrotarmos juntos aqueles que querem nos manter em nossos joelhos antes do lucro e dos negócios.

Vida ganhará, esperança ganhará, o povo ganhará!!!!

VERO PRESIDENTE